

A produção de Vídeo Estudantil na Educação Básica: promovendo a leitura de mundo

Vera Nácia Duarte Franco¹

RESUMO

Este artigo discorre sobre as possibilidades de Produção de Vídeo Estudantil na Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Fundamental com crianças de 5 a 9 anos de idade de uma escola pública da Rede Municipal do Rio de Janeiro, a partir de diálogos e leituras de livros de Literatura Infantil. O trabalho, organizado em oficinas de vídeo e literatura, obedecem a nova BNCC e é pautado também em teóricos que abordam o tema. A abordagem é interdisciplinar e colaborativa, e tem como objetivo geral despertar o interesse dos educandos pela leitura e produção de vídeos. Como objetivos específicos, temos: aumentar o repertório dos alunos, desenvolver a oralidade e a leitura, colaborar para uma escuta ativa e respeitosa e auxiliar na produção de vídeos que serão disponibilizados para toda a comunidade escolar, amigos e familiares. As oficinas, mediadas pela professora de Sala de Leitura, foram divididas em: oficina da palavra, oficina de fotografia e oficina de vídeo. A abordagem é qualitativa usando a metodologia de pesquisa-ação. Dentre os resultados, observa-se a possibilidade real de produzir vídeos da Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Fundamental, tendo o professor como o mediador desse processo e o dinamizador de possibilidades onde a criança pode exercer sua autoria. A produção de vídeo desperta a curiosidade e a inventividade das crianças que aprendem de forma lúdica e significativa.

Palavras-chave: Vídeo; Literatura Infantil; Mediação

1. Introdução

¹ Professora do Município do Rio de Janeiro. Mestre em Ensino de Educação Básica pelo CAP- UERJ

As mudanças culturais das últimas décadas impactam profundamente os paradigmas educacionais, exigindo mudanças qualitativas e de abordagem significativa, tanto na formação inicial e continuada dos professores, que podem necessitar de uma adaptação aos novos tempos, como para as famílias que comparam a educação bancária que, porventura receberam, com a educação que é oferecida a seus filhos. Nesse contexto, a escola pode sistematizar os processos de ensino e aprendizagem em torno de um projeto comum para unir todos os sujeitos que a compõe e legitimar às ações que podem contribuir para a adaptação da escola para esses novos olhares ao cotidiano da Educação Básica.

As crianças da Educação Básica, especialmente as que estão ingressando na Educação Infantil nesse novo cenário pós-pandêmico, já trazem consigo uma experiência e uma vivência onde a imagem, seja ela estática ou em movimento, faz parte de seu cotidiano. Dessa forma, o professor como mediador de processos educativos, alguém mais competente e com uma organização teórica e planejamento sistematizado, pode direcionar o olhar, com respeito às singularidades e saberes que as crianças trazem, e dessa forma, contribuir para a ampliação do repertório infantil.

Esse artigo tem como objetivo apresentar possibilidades do uso e da produção de vídeos por alunos da Educação Básica, da Educação Infantil ao 3º ano, tendo como suporte a oralidade e a literatura infantil. Dessa forma, o aluno passa de ouvinte a protagonista de suas próprias narrativas, contribuindo para uma educação dialógica e descentralizada da figura do professor.

O professor tem o papel fundamental de transformar os espaços e tempos para promover uma aprendizagem lúdica e significativa, onde a oralidade, a escuta, a leitura e a escrita e, conseqüentemente, a produção de vídeos, ganham um sentido particular de reflexão e revisitação dos saberes construídos coletivamente.

O engajamento dos alunos em projetos de produção de vídeo estudantil de forma interdisciplinar, promove o protagonismo e o desenvolvimento de habilidades e competências que estão previstas na BNCC em forma de campos de experiências. O desenvolvimento desses campos de experiência, habilidades e competências, pode assegurar o desenvolvimento cognitivo, a socialização e a autonomia dos sujeitos.

2. Embasamento Teórico

O cotidiano das famílias está preenchido pela tecnologia, seja no uso de aplicativos, de filmes e programas do Netflix, YouTube, TikTok e até de Podcast, por exemplo. Considerando que essas e outras tecnologias já fazem parte da vida do aluno, a produção de vídeo estudantil pode transformar o cotidiano da escola e possibilitar uma abordagem pedagógica mais lúdica e significativa para os estudantes. Como ponto de partida ou de chegada, a Metodologia PVE pode contribuir para uma dinâmica mais ativa a qual motiva o aluno a ouvir com atenção, uma leitura, um diálogo, um som, uma música; a ler no sentido mais amplo, não apenas palavras, mas imagens estáticas ou em movimento.

Dissociar a escola das aprendizagens informais que os sujeitos trazem de suas vivências é negar os saberes já construídos e a cultura intrínseca, é desvalorizar as narrativas que podem contribuir para enriquecer o processo de ensino e de aprendizagem.

A tecnologia exerce um fascínio sobre as crianças uma vez que: é prazerosa - ninguém obriga - é feita por meio da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa – aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que outros nos contam (MORAN, 2012. P. 32). Se esse prazer está relacionado ao ver, quando o aluno tem a oportunidade de fazer seu próprio vídeo, seja como ator, diretor, roteirista ou câmera, valorizando suas próprias histórias e de seus colegas ou recontando histórias, como proposto nesse trabalho, toma uma dimensão ainda maior.

A possibilidade de compartilhar suas produções com seus amigos, familiares e pessoas que eles nem conhecem, participar de um festival, por exemplo, é uma experiência marcante e esse sujeito deixa a sua marca. Segundo SETTON, 2011, p. 26, “ao se conquistar o poder da fala e da imagem, impõe-se simultaneamente as categorias de percepção, impõem-se também a estrutura de pensamento, uma forma de perceber o

mundo”. Como Paulo Freire (1989) afirmou, “a leitura do mundo precede a leitura a leitura da palavra”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um referencial para todos os currículos da Educação Básica e determina os conhecimentos e habilidades que todos os estudantes têm o direito de aprender. Esse direito inclui a progressão da aprendizagem em cada série e a articulação desses conhecimentos com a vida.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental, anos iniciais, é necessária uma articulação dessa etapa da educação com as vivências e experiências lúdicas que as crianças experimentaram na Educação Infantil, uma vez que os campos de experiências se associam às competências de forma progressiva e sistematizada. A BNCC prevê que, ao longo do Ensino Fundamental – anos iniciais:

(...) a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente. BRASIL, 2018.

Nessa perspectiva, a ampliação do repertório estético e linguístico da criança encontra respaldo na BNCC que estende a prática e o desenvolvimento da leitura na escola a produções autorais de vídeos e animações baseadas na literatura. Um filme não substitui um livro e nem um livro pode descartar uma obra filmica, mas ambos são complementares e aproximam as crianças de diversas linguagens, aumentando seu repertório e o seu interesse pelo processo de ensino e aprendizagem. Ainda, de acordo com a BNCC:

Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlist, vlogs, vídeos-minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades. (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p 68).

Todas essas atividades são possíveis, adequando o seu nível de complexidade a idade e experiência individual e coletiva dos alunos. Uma aula onde a criança pode se expressar livremente através da fala, da escrita, da arte e do vídeo, pode parecer difícil e caótica, mas é possível e gratificante, pois:

A criança é um ser em desenvolvimento, que possui muitos saberes, muito ativa e cheia de curiosidade sobre o mundo que a cerca. Não podemos deixar que ela perca tudo isso, pedindo para que passe boa parte do tempo sentada, fazendo exercícios repetitivos, monótonos e sem sentido. Temos que promover situações para que ela crie, interaja, escolha, mostre-se, perceba o outro, descubra, conheça e continue ativa, curiosa e disposta a saber cada vez mais (Fonseca, 2012).

A BNCC organiza a Educação Infantil em torno de seis Direitos de Aprendizagem da criança. Podemos nos apropriar desses seis Direitos de Aprendizagem para construir um projeto de Produção de Vídeo Estudantil na escola com crianças da Educação Infantil.

A BNCC da Educação Infantil, propõe uma organização curricular em campos de experiência. Levando em conta que as práticas pedagógicas devem ter uma intencionalidade e sejam planejadas para que a criança aprenda no cotidiano com as experiências que são apresentadas.

Os campos de experiências são: O Eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamentos e imaginação; espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Os direitos de aprendizagem das crianças previstos na BNCC estão contemplados nesses campos de experiências que acabamos de abordar. Cada um possui objetivos de aprendizagem e desenvolvimento específicos para cada faixa etária.

O primeiro é o direito de conviver com outras crianças e adultos, seja em pequenos ou grandes grupos onde possam ampliar seus conhecimentos a respeito de si mesmo e do outro, utilizando diferentes linguagens, respeitando as interações e saberes construídos pelo grupo dentro e fora da escola, levando em conta suas experiências e sua cultura.

Dessa forma, trabalhar em grupo em torno de um tema escolhido pela turma ou de um projeto de interesse de todos, auxilia as crianças na socialização, na escuta ativa e respeito às diferenças, contribuindo para a produção de vídeo de forma colaborativa.

O segundo direito é o de brincar. O espaço do brincar na Educação Infantil é essencial para o desenvolvimento das crianças. Os jogos simbólicos, o teatro, a oportunidade de recontar uma história a sua maneira, a produção de vídeos a partir dessas brincadeiras, redimensionam os espaços e tempos, valoriza as relações das crianças que constroem novos conhecimentos com parceiros mais experientes, diversificando e ampliando o acesso a produção cultural.

As crianças participam das brincadeiras, introduzem novos olhares e formas de lidar com o brinquedo e sentem-se valorizadas e estimuladas a criar, imaginar, conviver e estabelecer laços de amizade, respeito e convivência, onde elas aprendem a se expressar de diferentes formas.

O terceiro direito da criança é o de participar. Esse direito está intimamente relacionado a produção de vídeo na Educação Infantil, por ser uma oportunidade em que a criança pode participar ativamente, desde o planejamento, roteiro, storyboard, desenhos, figurino, montagem dos cenários, escolha dos personagens, falas, direção, etc. A criança pode escolher o tema, os ambientes onde as filmagens vão acontecer, a linguagem que quer utilizar, enfim, as possibilidades de participação e de decisão estão literalmente nas mãos das crianças e com a mediação do professor todas essas etapas têm um grande potencial.

O quarto direito é o de explorar. Aqui podemos elencar desde o explorar os movimentos de câmera, as possibilidades do vídeo, como os gestos, os sons, as palavras e as emoções. Faz parte desse direito, explorar as diferentes manifestações da cultura através das artes, da escrita, da ciência e da tecnologia.

O quinto direito é o de conhecer a si, ao outro e ao mundo que o cerca e dessa forma construir sua identidade pessoal, social e cultural. Dessa forma a criança tem a oportunidade de produzir uma imagem positiva de si mesmo e sentir-se pertencente a um grupo, no qual, as interações e as vivências por meio de experiências significativas

através da produção de vídeo, consolida aprendizagens, colabora para um bom convívio e para a aquisição de habilidades.

O sexto direito é o de expressar. A produção de vídeo é uma metodologia ativa e propicia para que as crianças expressem suas emoções e sentimentos através da linguagem audiovisual. É um campo de experiência em que a produção de vídeo abarca inúmeras necessidades de expressão, como o falar, o agir, o levantamento de dúvidas e hipóteses e o direito de expressar suas necessidades que podem ser compreendidas pela professora mediadora e transformar esse processo numa pesquisa linear, onde as duas partes aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

Na produção de vídeo estudantil as crianças são desafiadas a questionar e a opinar, numa descoberta constante através de uma linguagem própria que auxilia o diálogo, a criatividade e a sensibilidade deles.

Além da BNCC podemos utilizar como constructo teórico, as ideias de Jacques Delors sobre os quatro pilares necessários à educação do século XXI.

Segundo Delors a educação se organiza em quatro pilares. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. São esses pilares que sustentam a aprendizagem ao longo da vida, transformando as informações em conhecimentos.

O primeiro pilar é o aprender a conhecer. Como o conhecimento é múltiplo e está em constante transformação, é necessário adquirir os instrumentos da compreensão para que possam ser aplicados em diferentes situações. (DELORS, 1998, p.89-92).

Usando a Metodologia PVE, a criança aprende de forma prazerosa e lúdica, compreende como um equipamento funciona e qual a intencionalidade podemos dar a ele através da ação, da fala, do som e dos gestos. Sua autonomia é despertada assim como sua curiosidade. A criança dá sentido às ações cotidianas através do brincar utilizando o vídeo como instrumento de sentido para sua prática.

O segundo pilar refere-se ao aprender a fazer. Esse fazer é muito abrangente e vai desde a qualificação profissional, necessária para a vida cidadã, até a aquisição de competências para tornar o estudante apto a trabalhar em grupo de forma colaborativa. Essa experiência relacionada a PVE, prepara os estudantes para desenvolver um espírito

colaborativo e de aceitação de novas ideias numa perspectiva de respeito às diferenças e habilidade para resolver conflitos e comunicar-se de forma respeitosa (DELORS, P.101-102).

Desses dois primeiros pilares convergem o currículo escolar e o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. A respeito de currículo, Moacir Gadotti afirma que:

O currículo é um conceito amplo e inclui praticamente tudo o que se faz na escola. Significa caminho, percurso, viagem, processo. Currículo é espaço de conhecimentos e de relações. A escola é essencialmente um conjunto de relações sociais e humanas. Como o currículo faz referência a um certo território, ele é também espaço de conflitos, implica decisões, opções e relações de poder. Discutir o currículo é discutir o projeto educacional, a escola que temos e a escola que queremos. Tudo o que se passa na escola tem a ver com o currículo. (GADOTTI, 2008, p. 71).

O uso da metodologia PVE transforma os territórios do currículo escolar, dinamiza as práticas educativas e torna as aulas mais lúdicas e prazerosas.

O terceiro pilar consiste em aprender a conviver ou viver juntos com o objetivo de participar de um projeto comum e cooperar uns com os outros. Dessa forma, respeitar a pluralidade e garantir o respeito e a convivência pacífica entre as pessoas (DELORS, 1998, p. 90).

Na atualidade, aprender a conviver é de extrema importância para a compreensão de que precisamos uns dos outros e precisamos ter uma cultura de paz, aceitação e respeito, sabendo que somos diferentes, mas compartilhamos projetos comuns onde a participação de cada um é importante para o resultado de uma produção de vídeo estudantil, por exemplo.

Por fim, o aprender a ser é um pilar importantíssimo que integra os outros três pilares, para melhor desenvolver a personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal (DELORS, 1998, p. 90 e 102).

Para a PVE, aprender a ser, inclui desenvolver a sensibilidade, o sentido estético e ético. Além disso, o estudante é motivado a ter responsabilidade pessoal no desenvolvimento de um projeto de vídeo escolar, com autonomia e criticidade. A iniciativa de produzir uma obra audiovisual desperta a imaginação e a criatividade e valoriza todas as potencialidades do indivíduo.

3. Metodologia

O professor é um mediador da aprendizagem, um pesquisador de sua prática, para auxiliar na compreensão das necessidades de seus alunos, planejar de forma mais assertiva, refletir sobre os resultados alcançados e as possibilidades de corrigir “as rotas”, poder assegurar um processo de ensino e de aprendizagem que seja mais significativo tanto para os alunos quanto para os professores.

Como objetivo geral deste trabalho o pesquisador pretende despertar o interesse dos educandos pela leitura literária infantil e a produção de vídeos, utilizando as obras apresentadas, a reescrita e reinvenção, assim como a sua adaptação. Como objetivos específicos, pretendemos: aumentar o repertório dos alunos, desenvolver a oralidade e a leitura, colaborar para uma escuta ativa e respeitosa e auxiliar na produção de vídeos que serão disponibilizados para toda a comunidade escolar, amigos e familiares.

Para alcançar esses objetivos a professora elaborou oficinas de audiovisual e leitura no contexto mais amplo da palavra. Essas oficinas, mediadas pela professora de Sala de Leitura, foram divididas em: oficina da palavra, oficina de fotografia e oficina de vídeo.

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa por ser empírica e por constituir de observações que são usadas para coletar e analisar os dados. De acordo com Minayo (2002, p. 21-22), a pesquisa qualitativa pode ser compreendida como aquela que favorece um “(...) universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. A

observação, dessa forma, estabelece as bases para a compreensão dos dados coletados.

A pesquisa qualitativa aproxima o educador do seu objeto de estudo. Embora ele esteja envolvido nesse processo tanto quanto os alunos, é necessário que alguns critérios sejam estabelecidos. Dessa forma, a pesquisa-ação, que permite a participação e a relação do educador- pesquisador com os fatos, auxilia na avaliação, tanto objetiva quanto subjetiva, para maior compreensão dos processos e resultados.

Assim, é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes” durante o processo de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011).

Muito se tem avançado na concepção de que é preciso considerar que fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis. Marconi & Lakatos (2003, p. 191), afirmam que “a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”, ou seja, essa subjetividade não pode ser traduzida em números, sendo necessária a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados. Assim é possível captar informações geradas pela mobilização coletiva em torno de ações concretas que não seriam alcançáveis nas circunstâncias da observação passiva (THIOLLENT, 2011).

De acordo com Thiollent (2011) a pesquisa-ação tem como ponto de partida a articulação entre produção de conhecimentos para a conscientização dos sujeitos e a solução de problemas socialmente significativos. Essa articulação entre teoria e prática, deu origem às oficinas que, mediadas pela educadora, ressignifica o processo de ensino e aprendizagem.

A abordagem qualitativa permite a compreensão dos processos e das vivências individuais e coletivas dos educandos e auxilia o educador em suas reflexões e direcionamento de sua prática pedagógica, orientando a necessidade de intervenção e mediação.

As oficinas foram realizadas com crianças de 5 a 9 anos de idade de uma Escola Pública da Rede Municipal do Rio de Janeiro, no período de agosto a outubro de 2022. A continuidade das aprendizagens é prevista na BNCC, portanto, os campos de

experiências são revisitados em todas as séries, considerando as lacunas que o período de pandemia deixou e a necessidade de oportunizar o direito de aprendizagem a todas as crianças.

A oficina da palavra foi um momento de diálogo e de compartilhamento de experiências, bem como uma possibilidade de estabelecer relações de respeito às diferenças.

As crianças, sentadas em círculo, na sala de aula ou no jardim da escola, em contato com a natureza para explorar outros espaços, conversaram sobre os temas de interesse da turma e sobre as histórias que ouviram e os livros que foram lidos para elas ou que elas leram. Essa oficina contemplou o Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.

Abaixo encontramos alguns objetivos do Campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, segundo a BNCC da Educação Infantil de 4 e 5 anos que pode ser considerado também nas séries iniciais assim como competências específicas dessa etapa de desenvolvimento.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão; (EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas; (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história; (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história; (EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba; (EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa; (EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.); (EF35LP27) Ler e compreender, com certa autonomia, textos em

versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.

Nesse primeiro momento da oficina da palavra, além do contato com os livros e do diálogo entre as crianças, foi possível ver alguns vídeos curtos e conversar sobre eles. Essas ações contribuíram para a construção de roteiros orais.

As crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tem a possibilidade de desenvolver as competências da área de Linguagens, segundo a BNCC. Na produção de vídeo estudantil, como uma prática social, desenvolve as linguagens, seja ela verbal, corporal, visual sonora ou digital (BNCC, 2018) e permite ampliar suas competências através de exercícios de roteiro falado ou gravado.

Um dos objetivos que contempla essa etapa nos anos iniciais, de acordo com a BNCC é: (EF02LP24) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, relatos de experimentos, registros de observação, entrevistas, dentre outros gêneros do campo investigativo, que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/ finalidade do texto.

Nessa mesma oficina o Campo de Experiências, “O eu, o outro e o nós”, é igualmente considerado nas relações estabelecidas entre as crianças, o que possibilita ações concretas de escuta ativa, empatia e cooperação nas atividades práticas que aconteceram.

As crianças fizeram entrevistas com os colegas, narraram fatos do cotidiano, recontaram histórias ouvidas e mudaram o começo, o final ou acrescentaram personagens e falas, sempre respeitando as singularidades dos sujeitos.

A professora de Sala de Leitura, elegeu os seguintes objetivos desse campo de experiências: (EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir; (EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

Na oficina de fotografia que veio a seguir, com o objetivo de educar o olhar e experimentar novas maneiras de ver o mundo, novos espaços e tempos. O campo de experiências “Traços, sons, cores e formas, foi o contemplado nessa oficina por

possibilitar a releitura de fotografias feitas pelos alunos, observando os traços, as sombras, a luz, as cores e as formas e assim, valorizar os sons criando falas ou onomatopeias para determinado “personagem”. Um dos objetivos elencados nesse campo de experiência e que pode ser tangível na Educação Infantil é: (EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas. Esse objetivo foi escolhido por contemplar a fotografia como uma maneira de expressão onde o som pode estar presente dando vida às produções das crianças.

A oficina de vídeo contemplou o campo de experiências “corpo, gestos e movimentos, escolhendo o objetivo (EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

E o campo de experiências “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” com o objetivo (EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

A oficina de vídeo com os anos iniciais permite a utilização de softwares no celular, para a edição das imagens, fotografias e áudios capturados pelos alunos, explorando ao máximo o potencial dos recursos “mobile”. As crianças já estão familiarizadas com as tecnologias e ficam encantadas com as possibilidades de transformar uma ideia em um vídeo.

Alguns dos objetivos abaixo, foram elencados pela professora, segundo a BNCC dos anos iniciais, para o desenvolvimento de competências na construção de vídeos de forma autoral. São eles: (EF35LP24) Identificar funções do texto dramático (escrito para ser encenado) e sua organização por meio de diálogos entre personagens e marcadores das falas das personagens e de cena. (EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens. (EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos

da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

Como dito anteriormente, não se trata de dividir competências e campos de experiências, mas de valorizar a aprendizagem e criar situações lúdicas que contemplem todas as crianças, da Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

De acordo com a BNCC, essa aprendizagem deve ser contínua e sistematizada e deve acontecer de forma frequente e progressiva e mobiliza práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (BNCC p.87).

Nesse contexto, a professora mediadora com um olhar de pesquisadora, auxilia os alunos e faz observações e anotações que serão úteis para melhorar o processo pedagógico, tendo em vista as potencialidades da PVE desde a Educação Infantil e estendendo aos anos iniciais, com crianças ávidas por conhecimentos e curiosas por natureza.

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. BNCC, p; 57-58

É evidente que alguns problemas podem surgir, mas na maioria das vezes os próprios alunos identificam e sugerem uma solução. Esse processo é tão relevante quanto o produto audiovisual.

4. Análise e Discussão dos Dados

Essa é uma pesquisa qualitativa com base em observações e anotações em um diário de campo.

Partindo das observações feitas pelo educador desde o início do ano, os alunos precisavam se expressar oralmente e apresentavam uma necessidade de falar sobre seu cotidiano e tudo que aconteceu nos dois últimos anos fora da escola. Dessa forma, para atingir o objetivo maior que era a produção de vídeos, a oficina da palavra contribuiu para que esse espaço fosse respeitado e para dar novos sentidos ao cotidiano das crianças. As observações foram registradas e as mudanças que foram surgindo demonstraram a importância da sistematização dos registros feitos pelo educador.

Foi constatada, durante a pesquisa, que as crianças precisam ter esse espaço de fala e que ele seja legítimo e com uma escuta respeitosa. A criatividade e a inventividade dos alunos também foram percebidas, bem como sua capacidade de aceitar as ideias divergentes e acolher as diferenças.

Também ficou claro que algumas crianças gostam mais de ouvir do que de falar, mas que estão sempre atentas e participam quando se sentem a vontade para isso e quando muito solicitadas, se calam. Nessa oficina muitas questões foram levantadas, alegrias, tristezas e dramas sociais e emocionais. É necessário ter muita paciência e sensibilidade e saber o momento certo de falar, saber o que dizer e quando se calar.

As escolhas das leituras foram propositivas para ajudar as crianças em suas dificuldades e trazer alegria e motivação para aprender. Os temas das conversas, na maioria das vezes foram levantados por eles, pela necessidade do grupo, por um indivíduo ou pelo coletivo.

A oficina de fotografia foi um contato muito especial da criança com o objeto e impressionou pela intimidade que eles têm com esse mundo digital. Já no primeiro contato eles, além de fotografar, filmaram e até colocaram filtros.

Ver o mundo pela tela do celular, da câmera digital ou do tablet foi uma experiência muito significativa para os alunos. As escolhas que eles fizeram foi desde o registro da horta, das pessoas que trabalham na escola, dos colegas e de si mesmos até uma entrevista com a direção e a coordenação da escola.

Muitas ações não foram planejadas e aconteceram de forma espontânea. Isso demonstra que os alunos sabem fazer bom uso da tecnologia no espaço educativo.

A oficina de vídeo seguiu a proposta pela professora com muitas adaptações feitas pelas crianças. Os roteiros foram feitos oralmente, gravados ou fotografados, com começo, meio e fim, uma construção coletiva numa perspectiva autoral no sentido de deixar sua marca mesmo quando o texto fosse de um livro de literatura infantil.

O diário de campo é um importante instrumento para registrar as observações e experimentações, as falas das crianças, suas dificuldades e potencialidades. Essas anotações servem também ao educador para a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem e a sua contribuição para a mediação desses processos ou para a mudança de acordo com a realidade. A mediação da professora durante as oficinas, através da pesquisa-ação, onde ela pode estar junto com os alunos, experimentando todas as fases desse processo até chegar ao produto, foi de grande valia, uma vez que os alunos se sentiram apoiados e motivados

5. Conclusões e/ou Propostas

Os campos de experiências da BNCC para a Educação Infantil e as competências previstas em seus objetivos para os anos iniciais da Educação Básica demonstram a importância da oralidade e de oferecer esses espaços de fala para as crianças.

Outro aspecto que é determinante para eleger a PVE como uma metodologia potente para a educação de forma lúdica e significativa são as relações das habilidades e competências previstas na BNCC relacionadas às linguagens, muito embora as palavras não explicitam de forma objetiva a metodologia em questão.

Mas observamos que a linguagem, as artes e a tecnologia são relacionadas a audiovisual e apresentam um aspecto transversal ao currículo o que favorece sua utilização em forma de vídeos, numa construção coletiva e colaborativa de forma interdisciplinar e significativa.

As oficinas demonstraram que a oralidade e a literatura infantil, aliadas a sensibilização do olhar e a produção de vídeos, são instrumentos que apresentam um potencial criativo e de construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e competências, integradas ao cotidiano que valorizam as experiências e vivências dos alunos, que participam de todo o processo de forma autônoma, exercendo seu protagonismo.

6. Referências Bibliográficas

Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base (mec.gov.br) Consulta em 27/09/2022

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez. p. 89-102.

Fonseca, Edi. Interações: com olhos de ler. São Paulo: Blucher, 2012.

FREIRE, Paulo, Paulo Freire – A Importância do ato de Ler. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.) – 10. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MORAN. J. M. A Educação que desejamos – novos desafios e como chegar lá. 5ª ed. 2012; 3ª reimpressão. Campinas, SP: Papirus, 2013

SETTON, Maria da Graça. Mídia e educação. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

Revista Tecnologias na Educação – Ano 14 – Número/Vol.37 – Edição Temática XVIII -
tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

THURLER, M. G. Inovar no interior da escola. Tradução de Jeni Wolff. Porto Alegre: Artemed, 2008.

Recebido em Outubro 2022

Aprovado em Dezembro 2022